

Transferência e análise de crianças

Angela Mendonça de A. Baptista

O interesse em estudar e produzir um trabalho sobre o tema surgiu a partir de discussões em todo o meio analítico sobre a especificidade da análise quando o paciente é uma criança.

Como exemplo dessas discussões, podemos citar o que escreve Robert Lefort, quando introduz as Jornadas de Estudo do CEREDA no ano de 1983: “Não existe especificidade da psicanálise das crianças. A estrutura, o significante e a relação ao Grande Outro não concernem de modo diferente a criança e o adulto. É isto que faz a unidade da psicanálise”.¹ Porém, nesta mesma introdução, um pouco mais adiante, acrescenta: “Existe um aspecto da nossa prática da psicanálise com crianças que é sublinhada pelo fato de que não é a criança que vai queixar-se, mas é o seu meio que vem falar dela”.² O autor considera, portanto, que em um aspecto a prática psicanalítica com crianças é dessemelhante à do adulto. Seguindo Freud e Lacan, essa exceção já não seria suficiente para fundar a diferença? Ou melhor, não seria exatamente o que possibilitaria fundá-la?

No editorial do primeiro número da revista *La psychanalyse de l'enfant*, da Association Freudienne de Paris, encontramos a provocação de uma aposta: “A aposta pela análise, mas a fim de que aí *ex-sista* a criança: por uma psicanálise que lhe seja específica e como tal se demarque, descentre-se daquela do adulto”.³ Uma outra teoria analítica? Uma outra psicanálise? O editorial é cheio

COISA DE CRIANÇA

de sutilezas, o suficiente para que evitemos tal conclusão. Ele enfatiza que a psicanálise, a teoria analítica pré-existe à criança (assim como o simbólico pré-existe ao sujeito). Portanto, a aposta não é colocada no sentido de que seja criada uma outra psicanálise, mas sim de levar até o tormento⁴ questões e articulações, numa tentativa de se dar conta do que se passa quando se recebe uma criança como paciente. Ou seja, assumindo essa diferença, pensar no que há de específico na escuta da criança.

Aceitando a provocação dessa aposta e levando em conta o ao-menos-um aspecto citado por Robert Lefort, a saber, que são as pessoas que fazem parte do meio em que vive a criança que vêm queixar-se dela e por ela, é que, a partir da teoria analítica, permearemos o conceito de transferência, tentando articular assim as diferentes questões levantadas pela clínica de crianças, tomando por base o texto “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”,⁵ de Sigmund Freud.

A criança, portanto, é trazida à consulta. Quem a traz é também quem escolhe o analista e a este dirige sua queixa. O material que acaba se constituindo na análise do pequeno Hans chega de início às mãos de Freud, pois este solicita a seus amigos e alunos que reúnam observações sobre a vida sexual das crianças. O pai de Hans (que esteve entre os seus mais chegados adeptos) fornece então o material que se transforma numa análise de criança, relatada por Freud em seu artigo.

Era então o pai de Hans quem tinha Freud em boa consideração, quem tinha, portanto, uma transferência positiva no sentido de que fala Jacques Lacan no *Seminário 11*, em “A presença do analista”: “A transferência positiva é quando aquele de quem se trata, o analista no caso, pois bem, a gente o tem em boa consideração”.⁶ A transferência de início era a transferência do pai de Hans. E quando, num certo momento, este acrescenta ao material: “Meu caro professor: estou-lhe enviando mais alguma notícia a respeito de Hans, só que desta vez, lamento dizê-lo, se trata de material para um caso clínico. Como o senhor verá, nesses últimos dias ele vem apresentando um distúrbio nervoso que nos tem preocupado muito, a mim e a minha esposa,

TRANSFERÊNCIA E ANÁLISE DE CRIANÇAS

pois não temos sido capazes de encontrar meio algum de corrigi-lo. Tomarei a liberdade de ir vê-lo amanhã...”,⁷ o pai de Hans já dirige a Freud uma demanda para que trate (ou ajude-o a tratar) de seu filho.

O pivô da análise, a transferência, num primeiro momento é, portanto, a transferência do(s) pai(s) de Hans em direção a Freud, e poderíamos dizer que é assim que se passa na maior parte das análises de crianças. Diríamos, inclusive, que no caso de crianças como pacientes, essa seria uma das possibilidades já presentes às quais a situação analítica dará composição, possibilidades colocadas por Lacan no *Seminário 11*: “Mesmo se devemos considerar a transferência como um produto da situação analítica, podemos dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo, e que, para produzi-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes às quais ela dará composição, talvez única”.⁸

Observamos que, apesar da transferência do seu pai, nada se passou ao nível do distúrbio nervoso de Hans, e é aquele mesmo que se queixa, na primeira consulta que faz a Freud com seu filho: “A despeito de todos os esclarecimentos que dera a Hans, seu medo de cavalos ainda não havia diminuído”.⁹

É preciso que aos poucos seu pai coloque a “presença” do professor, presença não no sentido de Henri Ey, enquanto pessoa, e sim no sentido de Lacan em “Intervenção sobre a transferência”,¹⁰ presença portanto como manifestação do inconsciente que promove os efeitos da fala sobre o sujeito, para que as intervenções de Freud possam ter efeito sobre o sintoma de Hans.

Aqui um parêntese se faz necessário. Referimo-nos ao sintoma de Hans, colocado por seu pai como um distúrbio nervoso, ou seja, referimo-nos ao medo de cavalos. É isto que o preocupa e o faz considerar o material, a partir daí, como material para um caso clínico. No atendimento à criança constata-se que são sempre queixas como esta, bastante específicas, que fazem os pais se dirigirem à consulta.

Quando Hans é então levado ao professor, depois de manifestar certa resistência, pergunta após a consulta se este

COISA DE CRIANÇA

conversa com Deus, pois lhe parece que ele já sabe tudo de antemão. Passa a referir-se, a dirigir-se mais frequentemente a Freud e a colocá-lo num determinado lugar. Que lugar seria este?

Na revista *Littoral* n.18, intitulada “A criança e o psicanalista”, José Attal¹¹ formula que na criança o sujeito suposto saber faz apelo de início à noção de adivinhação, sendo o sujeito suposto adivinhar a forma mais frequente. É inegável que a criança atribui ao analista colocações e poderes mágicos, como se pode observar na própria análise de Hans, quando este pergunta se o professor conversa com Deus.

Para José Attal, Freud se coloca como adivinho quando diz a Hans que, bem antes dele nascer, já sabia que chegaria um pequenino Hans que iria gostar tanto de sua mãe e que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai. Acrescenta então que ser freudiano somente dessa maneira – o analista permanecendo no lugar de quem sabe de antemão – levaria a uma perversão na utilização do conceito de sujeito suposto saber.

É justamente depois de ocupar essa posição de sujeito suposto adivinhar que Freud vai ocupando para Hans o lugar de sujeito suposto saber. Hans pode dirigir perguntas a Freud como quando do sonho da girafa amarrotada. O seu pai diz que o professor não vai entender como ele pôde pensar ser possível amarrotar uma girafa, ao que ele responde: “Pois conta a ele que eu mesmo não sei e assim ele não vai perguntar. Mas se ele perguntar o que é a girafa amarrotada, então ele pode escrever para nós, e nós podemos responder, ou então vamos logo escrever que eu mesmo não sei”.¹² Eu não sei, o professor pode saber. Freud então, para Hans, pode saber o que ele não sabe, e é a partir daí que a análise vai tendo efeito sobre o seu sintoma.

Retomando a crítica de José Attal, acrescentaremos que todo esse movimento só pôde acontecer depois da intervenção de Freud que o colocou como adivinho. Freud injetou o mito edípico e facilitou o estabelecimento da transferência. Ele nomeou o que Hans já vinha colocando, da mesma forma que fez Melanie Klein

TRANSFERÊNCIA E ANÁLISE DE CRIANÇAS

no caso Dick.¹³ E, em ambos os casos, é perfeitamente constatável que, a partir daí, o tratamento tem efeitos importantes.

Porém, tanto Freud como Klein se colocaram como quem sabe, sabe do mito edípico anteriormente à escuta, à análise, e isto para o autor citado referenda o tratamento numa dimensão inteiramente imaginária.

Freud, Klein e Françoise Dolto deram esta direção ao tratamento, mas é preciso, especialmente depois de Lacan, enfatizar a dimensão simbólica e dar um salto também no que diz respeito ao tratamento de crianças, que parece ter sido sempre o mais contaminado pelas hipóteses imaginárias dos analistas.

Devido a essa peculiaridade do sujeito suposto saber, Marie-Christine Laznik¹⁴ sugere aos analistas de crianças que retomem para estas mais claramente seus dizeres, evitando assim colocar-se como adivinhos ou sábios, e dando ao tratamento uma outra dimensão.

Queremos frisar, como já colocado, que a análise de Hans começa a fazer efeito quando este faz um pedido ao professor, quando se estabelece a transferência da criança. Hans passa a incluir o analista no seu discurso, a dirigir fantasias a este,¹⁵ colocando-o como alguém que pode decifrar o seu sintoma: “Se eu escrever tudo para o professor, minha bobagem vai acabar logo, não vai?”.¹⁶ Essa constatação talvez amenizasse a discussão entre Anna Freud e Melanie Klein sobre a existência ou não da neurose de transferência na criança.¹⁷

Para concluirmos, tomaremos um exemplo do que chamamos fantasias endereçadas a Freud. Num diálogo com o pai, Hans, respondendo a uma pergunta deste, diz que preferiria que sua irmã, Hanna, não estivesse viva. Seu pai acrescenta que assim ele ficaria sozinho com a mamãe, mas que um bom menino não deseja esse tipo de coisa. Hans respondeu: “Mas ele pode pensar isso...”. “Se ele pensa isso é bom de todo jeito, porque você pode escrevê-lo para o professor”.¹⁸ Freud toma essa colocação de Hans para fazer um comentário em nota de rodapé: “Muito bem,

COISA DE CRIANÇA

pequeno Hans! Eu não poderia desejar uma compreensão melhor da psicanálise por parte de nenhum adulto”.¹⁹

Tomando por base um artigo de Erik Porge,²⁰ diríamos que Freud aí toma a mensagem de Hans não ao pé da letra, respondendo-a desde um lugar de semelhante, pequeno outro, mas sim relançando-a mais além, dirigindo-se, por exemplo, aos analistas. Hans dirige a mensagem a um personagem que não está em cena, Freud recebe-a e relança-a. O destinatário, portanto, está fora da cena. Isto coloca a dimensão simbólica, o endereçamento ao Grande Outro.

Através da transferência, o paciente pede ao analista que lhe forneça um sentido imediato às suas perguntas. Caso este as respondesse de onde lhe foi perguntado, colocaria em causa na análise dois sujeitos, dando à situação analítica uma dimensão dual, imaginária. Como diz Lacan no *Seminário 11*: “Ao persuadir o outro da verdade de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta”.²¹ O analista, não completando o sujeito, recoloca assim a dimensão da falta, do desejo que não encontrará um objeto capaz de satisfazê-lo.²² E a sua escuta, intervenções e interpretações serão um impulso às associações livres, à análise do sujeito, seja este adulto ou criança.

Notas

1 R. Lefort, “Introduction”, *Analytica*, vol. 34, p. 7.

2 *Ibidem*, p.7.

3 G. Balbo, Editorial de *La psychanalyse de l'enfant*, volume 1.

4 *Ibidem*, “O tormento das questões: não é a ele que a criança que as coloca, confronta tão frequentemente o adulto muitas vezes com dificuldades em respondê-las?” (T. da A.).

5 S. Freud, “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”, *E.S.B.*, vol X.

TRANSFERÊNCIA E ANÁLISE DE CRIANÇAS

- 6 J. Lacan. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 120.
- 7 S. Freud, *op. cit.*, p. 33.
- 8 J. Lacan, *op. cit.*, p. 120.
- 9 S. Freud, *op. cit.*, p. 51.
- 10 J. Lacan. Intervenção sobre a transferência.
- 11 J. Attal, “Transfert et fin d’analyse avec l’enfant”, *Littoral*, n. 18.
- 12 S. Freud, *op. cit.*, p. 48.
- 13 J. Lacan, *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*, p. 102.
- 14 M.-C. Laznik, *Seminário proferido no Espaço Moebius*, Salvador-BA, em agosto de 1986.
- 15 S. Freud, *op. cit.*, pp. 81 e 104.
- 16 *Ibidem*, p. 70.
- 17 J. Attal, *op. cit.*
- 18 S. Freud, *op. cit.*, p. 81.
- 19 *Ibidem*, p. 81.
- 20 E. Porge, “Le transfert à la cantonnade”, *Littoral*, n. 18.
- 21 J. Lacan. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 128.
- 22 Idem, *Le Séminaire, Livre 4: La relation d’objet* (ainda inédito no ano em que este texto foi escrito).

Referências bibliográficas

- ATTAL, José. Transfert et fin d’analyse avec l’enfant. *Littoral*, n. 18. Paris: Érès, 1986.
- FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

COISA DE CRIANÇA

- BALBO, G. Editorial. *La psychanalyse de l'enfant*, v. 1. Paris: Joseph Clims, 1985.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- _____. *Le Séminaire, Livre 4: La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994 [Ed. bras.: *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995].
- _____. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- _____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966 [Ed. bras.: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998].
- LAZNIK, Marie-Christine. Seminário proferido no Espaço Moebius, Salvador-BA, em agosto de 1986.
- LEFORT, Robert. Introduction. *Analytica*, vol. 34. Paris: Navarin, 1983.
- PORGE, Erik. Le transfert à la cantonnade. *Littoral*, n. 18. Paris: Éres, 1986.

Sobre a Autora

Psicóloga e Psicanalista. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Intervenção Precoce da Bahia. Exerceu atividade de atendimento clínico e de supervisão, no Hospital das Clínicas e no Hospital Juliano Moreira, Salvador-BA. Diretora da Coleção Psicanálise da Criança e da Coleção Ariadne-Literatura Infantil, durante cerca de 15 anos. Autora de diversos artigos publicados em revistas especializadas. Avaliadora da Pesquisa Multicêntrica de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil, parceria da USP e Ministério da Saúde. Exerce prática de consultório, atendendo especialmente crianças e adolescentes, desde 1986. Cantora e compositora bissexta, dedica-se ao estudo do Canto Popular e teoria musical.